

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistador: Ana Caroline Cordeiro dos Santos

Entrevistado: Jorge Reis Tarcísio (Reis do Grupo Zama)

São Paulo, 21 de Março de 2024

Entrevista realizada presencialmente na atual sede do Clube 28 de Setembro, R. Petronilha Antunes, 363, Centro - Jundiaí.

Clube 28 de Setembro e a sua importância para a comunidade jundiaense

Ana Caroline: Primeiro você se apresenta, fala seu nome, idade, formação, qual sua posição aqui no clube para eu pôr no começo do vídeo.

Reis: Bom, meu nome é Jorge Reis Tarcísio, mais conhecido em Jundiaí como Reis do grupo Zama. Tenho 64 anos, sou nascido em Três Corações, Minas Gerais, e vim para Jundiaí em 1968, com oito anos de idade, e conheço o clube desde 2000... de 1975, quando comecei sair para as baladas, para as festas então eu conheci o clube 28 setembro e a partir daí comecei a frequentar.

Ana Caroline: Qual a sua posição no clube?

Reis: Hoje eu já participei do clube e da diretoria, já fui relações públicas, já fui diretor cultural e em 2018 fui vice-presidente da Dona Edna e continuo como vice-presidente, porque de 2018 para cá não houve composição de outras diretorias. Nós tivemos o período de pandemia, então algumas coisas não aconteceu então continuo vice-presidente dela. Mas como o mandato é de dois anos, eu costumo dizer que eu sou um colaborador do clube neste momento.

Ana Caroline: Por que um colaborador?

Reis: Colaborador porque o clube precisa de várias, várias ações. Então, por muito tempo colaborei com auxílio administrativo, buscando auxílio jurídico para resolver as questões do clube e ajudo nos eventos, nas atividades que tem a indicação de pessoas, realizo alguns eventos importantes na questão da inclusão social e cidadania, trazendo palestrantes de fora, ministrando palestras, participo de palestras aqui para estudantes, como fizemos com estudantes do Gandra, do Siqueira, do do Bispo e também das escolas das escolas públicas do município.

Ana Caroline: E você pode me contar um pouco da história do clube? Como é que surgiu, quem criou o clube, Porque nesse lugar tão específico, o que ele era antes e como ele veio a ser o que ele é hoje?

Reis: Bom, nós temos uma visão e documental até, que o clube, o clube foi lançado e foi criado em 1895 a 129 anos atrás, vai fazer agora 129 anos, mas a gente tem feito alguns levantamentos históricos, os documentos, inclusive estamos com parceria com o Museu Histórico do Solar do

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Barão e a Biblioteca da Ferrovia e estamos fazendo a digitalização dos documentos, e o diretor do museu, ele tem mais documentos no museu que vai nos fazer voltar um pouquinho mais esse tempo, porque, na visão dele, com os documentos que ele tem, o clube de muito antes. Como que surge o Clube 28 de setembro e por quê? Os negros vieram para Jundiá para trabalhar na ferrovia. O que eu costumo falar em relação a ferrovia, a ferrovia quando veio para cá, ela foi construída pelos ingleses e os ingleses não eram escravagistas e o que que eles precisavam? de mão de obra. E como que você vai ter mão de obra se você não pode... Se você não quer o escravo comprar o escravo? Então os ingleses fizeram um acordo com os donos de fazenda para comprar a carta de alforria dos escravos e libertá-los e trazer para trabalhar na ferrovia no centro da cidade, enfim, o que ocorre nesse meio período? Acontece que o negro trabalha na ferrovia, trabalha também junto com os imigrantes italianos, que depois chegaram, com os próprios ingleses, enfim, com todos os brancos. Mas, por exemplo, existia as festas dos ferroviários, mas os negros não podiam entrar porque eram negros e não eram aceitos naquela festa. Então começou-se a criar a sociedade negra. E o que acontecia? Bom, então se eles fazem a festa deles e nós não podemos ir, nós vamos fazer a nossa festa, e começaram a fazer essas festas veio vindo, veio vindo, veio vindo... Com a criação da Lei Áurea, abriu mais alguns precedentes. Não que a Lei Áurea realmente libertou a Lei Áurea, colocou muita gente na rua e deixou muita gente passando fome enfim, a Lei Áurea teve algumas coisas aí que não foi agradável, libertou, mas não incluiu. Por que libertou, mas não incluiu? Simplesmente falou “a partir de hoje você está livre e você pode caçar a sua turma e viver sua vida” e abriu o precedente para para a vinda dos imigrantes. Em Jundiá, principalmente que a imigração é muito forte italiana, nós tínhamos o Conde de Parnaíba, quando Parnaíba, em 1886, ele dá a carta de alforria para 450 africanos, 450 escravos dele, por que ele deu essa carta de alforria? Ele era uma pessoa benevolente? Ele tinha dó dos escravos? não, o que que acontecia naquele momento, o escravo era uma mercadoria muito cara, porque o escravo era uma mercadoria né? você comprava e vendia e nesse contexto o que acontecia, eu, dono de fazenda, precisava de escravo não conseguia comprar porque era muito caro, o dono do escravo não conseguia vender pelo mesmo motivo, ele não conseguia preço para comprar. Então qual que foi a vantagem do Conde de Parnaíba? Libertou 450 escravos mas eu faço uma conta benefício, uma conta de custo benefício. O que que é essa conta de custo benefício? Ele entendeu que um escravo valia, naquela época, 13 mil réis, calculando hoje 13 mil réis uns 150 mil reais, ele percebeu que com 150 mil reais ele alimentava e queria trabalhando para ele uma família de 15 pessoas trabalhando durante um ano por 150 mil reais. Então quer dizer, 13 mil réis, hoje seria em torno de 150 mil reais, eu mantenho uma família de 15 pessoas trabalhando. Então eu trago as famílias italianas, que são grandes, para cá e liberto os escravos, então de 450, ele trouxe 30 famílias que superou aqueles 450 que ele tinha, (porque) 30 vezes 15, 450 né? e aí você tem... e ele não... Na verdade, assim, ele jogou uma mercadoria que ele tinha fora, porque o preço era muito alto e aí ele não conseguia vender, né? e

trouxe os imigrantes para cá, isso também contribuiu para que futuramente abrisse o Clube 28 de Setembro. Talvez a maioria desses negros já trabalhassem na ferrovia, então tem essa carta de alforria. E aí quando vem a ferrovia, com essa ideia de não escravizar, logicamente eles dão oportunidade para o negro ter sua família, poder ter sua casa, para poder ter as suas coisas... só que ele quer... o negro quer, a partir daquele momento que ele começa a ter a sua ascensão, ele quer ter a sua... quer também participar da sociedade, e esse participar da sociedade que que é? Bom, participar da sociedade eu vou, vou querer participar das festas, como eu não posso participar das festas, eu crio que 28 setembro. Só que essas reuniões já aconteciam muito antes, o registro que se tem de registro mesmo é de 95, que foi criado o Clube 28 de Setembro, 7 anos após a abolição. E aí então... E acontece em Jundiá. Por quê? Jundiá, principalmente para o Clube 28 de Setembro, Jundiá era o polo da Ferrovia, nós temos lá a FEPASA tudo aquilo ali, aquela estrutura toda foi montada pelos ingleses com a mão de obra escrava, com a mão de obra de negros, mas não negros escravizados, com a mão de obra de negros, mas já semi libertos com sua carta de alforria. É aí o Clube 28 de Setembro nasce aqui, como nasceram outros clubes, nós temos... temos mais dois clubes acho que é um em Fortaleza e em Florianópolis, que são os dois primeiros né? e no Clube 20 de Setembro é o terceiro do Brasil e o primeiro do Estado de São Paulo, fundado por negros. E ele nasce em Jundiá, teve vários lugares, várias sedes, essa sede aqui, ela é de 1000... de 1948, essa sede aqui ela foi construída pelo... ela foi construída, teve uma grande colaboração política do prefeito, engenheiro e prefeito Vasco Venchiarutti, porque naquela época o Vasco Venchiarutti construiu o Bolão, e, a gente costuma dizer, e aí não sei se você já ouviu falar em contrapartida, toda empresa que vem fazer alguma coisa, construir alguma coisa na cidade tem que dar uma contrapartida para o poder público, então, por exemplo, vai construir um prédio, existe um valor que é destinado, uma contrapartida. E essa contrapartida eu enquanto prefeito, por exemplo, posso destinar ao que eu quiser, Vasco Venchiarutti decidiu destinar para uma... para uma coisa que ele acreditava, para uma inclusão uma igualdade. E aí ele destinou essa contrapartida para que pudesse ser construída o Clube 28 de Setembro, Ele mandou os materiais e os negros construíram em ritmo de mutirão né? e a sede daqui hoje, ela tem a mesma idade do bolão, que é 76 anos.

Ana Caroline: De novo, tem muita, muita história, né? muita coisa que vem de antes e assim, o que (o clube) fazia no começo, qual foi a ideia principal de eventos que aconteciam pra essa coisa de incluir a pessoa negra na sociedade jundiáense, que eu imagino que na época era quase totalmente em branca.

Reis: O Clube 28 de Setembro desde a sua fundação, desde aquela época, ele nasceu pra dar algumas oportunidades. Educação: então o clube teve por muitos anos cursos de datilografia, por exemplo, né? Hoje é digitação, mas antigamente, na época do pai e da mãe de vocês, né? e na minha época, mais ainda né? Era datilografia, então o clube tinha aqui uma escola de

datilografia, reconhecida pelo MEC, que dava certificado, tudo, muita gente se formou aqui (em) datilografia. Nós tivemos há pouco tempo um escrivão do judiciário. que se aposentou, e ele se aposentou com... Ele foi ser escrivão com quase 50 anos né? e ele se aposentou e ele tem orgulho de falar que ele fez datilografia aqui no Clube 28 de Setembro. Aí tinha cursos de... curso de cabelo, curso de costura é enfim cursos preparativos principalmente para mulheres, para preparar para o mercado de trabalho essa era uma das linhas. O Clube 28 de Setembro também, ele abraçou muitas causas, por exemplo, o Clube 28 de Setembro foi um ponto que por muitos anos quando começou, começou ali por legislatura... a legislatura em Jundiaí, que não tem tanto tempo assim, o Clube 28 de Setembro serviu muito para reuniões da Câmara Municipal dos Vereadores. naquela época. O Clube 28 de Setembro foi base para a formação da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí. O Clube 28 de Setembro trabalhou muito com a questão da... O Clube 28 de Setembro, para você ter ideia, naquela época se velava as pessoas em casa e os membros do Clube 28 de Setembro eram velados aqui no clube, né? Então teve essas ações, teve ação na área de saúde visando a questão da saúde da população negra Isso a gente fez agora, 2000... 2002, 2005, 2007 são bastante ações ligada à questão da saúde, da anemia falciforme, saúde da mulher. E no Clube 28 de Setembro se discutiu muito direito, o direito à liberdade e direito... Direitos humanos, direitos civis. Educação, nós tivemos muitas ações educacionais aqui no Clube 28 de Setembro, contando a própria história do clube, como também formando pessoas para que elas ingressem aí no ensino superior, então o Clube 28 de Setembro, tem essa função, além de toda a social né? tem essa função social, cultural e educacional, e o beneficente, é o que a gente sempre fez e estamos fazendo agora, por exemplo, a dona Edna recebe muita doação de roupas, alimentos para pessoas carentes, e agora, na época da pandemia, teve muito essa ação, e agora também com a tragédia lá do Rio Grande do Sul, muitas pessoas que tinham coisas para doar e não sabiam de onde colocar ou aonde levar, ligou para Dona Edna “Dona Edna tenho coisa para doar” nos juntamos aqui, e depois daqui encaminhamos para o Fundo Social. Então ele tem todo uma... ideia social, cultural, beneficente, educacional, na área da saúde e principalmente do entretenimento, o Clube 28 de Setembro era onde, além de tudo isso que vocês vocês já falaram, o que seria assim uma coisa mais é que... que a gente a gente deixaria por último mesmo, que seria o divertimento, se encontrar para as balada para os bailes sociais para o esporte né? o Clube 28 de setembro por muito tempo participou de basquete, voleibol, futebol, temos atletas que saíram daqui do Clube 28 de Setembro, que são medalhistas, por exemplo Nelson Prudêncio (...) era de uma família daqui do Clube 28 de Setembro, e foi e foi medalhista de ouro nos Jogos Panamericanos né? Que Deus o tenha, já nos deixou, mas até pouco tempo, antes dele falecer, ele era inclusive secretário de Esportes lá de São Carlos. Então o clube tem essa agenda toda com... e nas festividades, bailes muitos shows passaram por aqui né? Então nós tivemos muitos artistas negros que se apresentavam no Clube 28 de Setembro, o último que nós tivemos de show de

artista negro foi Leci Brandão, que de vez em quando ela abre a agenda e vem fazer um show aqui mas tivemos muitos artistas aí que já se foram, que estiveram aqui né? Como Clementina de Jesus, Juvelina Pérola Negra, (...) o Noite Ilustrada, Ne? que é bem, bem antes de vocês, (...) depois alguém vai dizer pra vocês quem era. Então teve muito essa participação também artística aqui de shows.

Ana Caroline: Agora voltando um pouco de novo na sua história com o clube. Eu queria muito saber, queria muito que você contasse pra mim, sobre como foi seu primeiro contato com o Clube. Você falou que você veio para festas e (...) por aqui. Como foi esse momento de... seu primeiro contato com tudo? Sua primeira festinha...

Reis: Bom, eu vim, eu vim no clube, naquela época a gente dançava muito, muito black music né? Época ai de James Brown e enfim Michael Jackson veio um pouquinho depois e a gente se encontrava muito aqui. Nós tínhamos o James Brown, (??), tínhamos chaka khan o pessoal toca a música a música negra, negra, black mesmo e que a gente vinha dançar. E eu frequentava muito o clube São João e conheci um grupo de meninos que ia no Clube São João de sábado e vinha aqui de domingo, então eu vim pra cá de domingo. A primeira impressão é assim o Clube 28 de setembro, ainda existe hoje uma coisa muito, muito patriarcal, muito familiar. Então, por exemplo, ele foi fundado por alguns senhores lá em oitocentos e noventa e cinco esses senhores é, um deles faleceu em 2006, com quase 100 anos, temos um outro que está com 103 anos que já entrou no clube já era mais jovem, e você tem muito essa coisa de passar de pai para filho, diretorias, administrações e vem vindo, vem vindo, vem vindo... Essa questão se perdeu um pouquinho a partir do momento em que você, por algum motivo, (...) algum motivo ou alguma demanda, você elege uma outra pessoa. Então foi eleito a Dona Edna, está aqui desde 2016, ela já está fazendo já oito anos de diretoria do clube. Mas antes tinha muito isso, e quando você chega de fora que você não é uma pessoa conhecida, eu era uma pessoa que morava no Caxambu, morava junto com os italianos, eu trabalhava muito, ninguém entendia que eu trabalhava muito, mas eu estava sempre muito bem vestido. Então você chega e existe uma certa competição, porque sou um rosto diferente, uma pessoa diferente, vindo de um (...) que eles não conhece a família, não sabe quem é o pai da minha mãe, no entanto, eu não sou do meio. Então existe uma certa resistência, resistência dos meninos que se sentem “ah po que esse cara que aqui vamos colocar pra fora daqui” e das meninas que falam pô “que está chegando um rapaz novo aí, rapaz novo, bonitinho” (risos) mas era mais ou menos assim. E aí você tinha essas resistências, Mas você vai conquistando espaço, você vai conquistando espaço, como você vai conquistando espaço? a partir do momento que você aprende a respeitar, né? Então, cheguei na primeira noite para dançar e dancei com algumas meninas, mas dancei com as meninas que eu já conhecia do clube São João, que iam lá, que já eram minhas amigas e tal. E você vai se... você vai se aprofundando, vai sendo aceito a partir de certo momento que você vai (...) fazer essa

convivência durar, né? Porque quando você chega num lugar que você não sabe respeitar aquele lugar, qualquer lugar, casa de família, qualquer lugar que você vai, você tem que ter essa questão do respeito e eu sempre fui muito respeitoso tanto com as meninas como com os idosos, então a gente fazia e fazia bem esse trabalho e aí fui sendo aceito. E então frequentei aqui por alguns anos, depois eu fui para Águas de São Pedro fazer curso de garçom, quando eu fui para Águas de São Pedro fazer curso de garçom, deixei uma namorada aqui que era daqui do Clube 28 de Setembro, inclusive o pai dela era porteiro do clube né? corajoso eu, namorar a filha do porteiro que era militar (risos) linha brava, teve um dia que eu cheguei na porta, achei que ele ia me bater, mas enfim.

Ana Caroline: Ele ia te barrar do Clube (risos)

Reis: É eu enfrentei ele de igual para igual, mostrei que eu não era moleque, que eu era um homem que apesar de tudo, estar com 20... 21 anos, eu morava sozinho, cuidava das minhas roupas, trabalhava a semana inteira numa cerâmica, estudava a noite e trabalhava num restaurante de domingo, então, quer dizer, um cara que falava “pô um moleque com essa idade, contando essa história”. E criei uma amizade muito grande com ele, hoje ele mora em Recife, que ele é pernambucano, ele mora em Recife e ele toda vez que fala com os filhos dele ele pergunta de mim, então quer dizer, ganhei eu respeito dele isso há 40... 40 e poucos anos atrás. E depois eu saí, quando eu saí do Senai, eu voltei para Jundiaí, estive aqui mais umas duas vezes aí no clube São João, conheci uma moça, que hoje é mãe dos meus quatro filhos, não é minha esposa, mas é a mãe dos meus quatro filhos. E aí, depois que você casa, você dá uma parada, aí eu casei e ficamos juntos um bom tempo, eu casei em 84, ficamos juntos até 96 né? e veio os filhos e nós nos separamos e eu volto a frequentar o clube 28 de setembro em 99, e volto em 99, porque uma amiga minha, hoje minha amiga, foi minha esposa há 23 anos, a gente se separou faz dois anos, é que a gente vinha, eu vinha aqui no clube participar de desfile de modas e sempre quando tinha desfile de modas que era um casal, era eu e ela, só que ela tinha namorado e eu queria saber de nada, ela casou, separou e depois a gente se juntou em 99 ficamos 23 anos juntos. E quando eu entrei o irmão dela que era o presidente e eu fiquei olhando e falei “poxa que que eu poderia fazer para ajudar o clube?” e eu tinha muito conhecimento com comércio, (...) política, então eu fui atrás dos políticos para conseguir patrocínio com as coisas do comércio e tal, e comecei a fazer algumas ações para patrocinar o clube. Na primeira ação, que foi o baile, é o baile de 99, eu colaborei com algumas algumas verbas que eu consegui para ajudar no pagamento de algumas contas tal, aí quando foi, foi final de 99, eu fiz um almoço, alguma coisa, Ai 2000 eu comecei a fazer (...) desenvolver outras ações e o Dia Internacional da Mulher falava da questão da violência, Enfim, fui fazendo algumas atividades, ajudei no baile de aniversário de 2000 e é Interessante que em 2000... em 99, o prefeito instituiu Conselho da Comunidade Negra. O conselho já tinha um certo tempo,

tinha sido criado em Jundiaí, acho que em 86, 86, depois 96 eles deram uma reorganizada e só foi composto em 99, então, tinha o conselho mas ficou dez anos para a composição. E quem compunha o conselho era um membro do clube 28 de Setembro, e acontece lá que, depois de 99, eu fazendo algumas coisas aqui, acontece que em 2000 eu estava fazendo algumas ações junto com o Clube 28 de Setembro (...) eventos assim, que desenvolviam um jantar, um almoço, um musical, coisas do tipo, chamar os artistas, conseguia a verba da cultura e fazia. E nós nos deparamos um dia de manhã (...) com um jornal, que era jogado na cidade, dizendo que o prefeito era racista e que a ideia dele, entre outras coisas (...) ele falava que o clube 28 de Setembro estava num ponto comercial e seria mais útil como uma latrina do que para o encontro de negros. Ora aí todo mundo se revoltou contra o prefeito e eu então tomei a frente da ideia e disse assim “Vem cá, ele esteve com a gente quinta e sexta-feira, num evento de quinta, sexta, sábado e domingo. Ele esteve com a gente na quinta e na sexta, não esteve no sábado e no domingo porque ele foi viajar e o evento foi todo patrocinado por ele, vem sendo patrocinado por ele várias vezes, por vários anos que eu venho fazer as coisas eu vou na cultura “quanto você precisa? O que você precisa?” e eles mandam, né? Como que um cara desse é racista? Mas era um jornal político, um jornal que tentava, tentava desmoralizar o prefeito, enfim, e consegui com que a diretoria do clube o presidente se reunisse com o prefeito pra discutir essa questão. E nesse momento o prefeito veio aqui, fez um acordo com eles que apoiaram e a partir de 2001 o prefeito.. Damos a ideia para o prefeito, que se criasse, ele falou “olha eu preciso fazer alguma coisa de grande envergadura, que dê um retorno”, que dê uma contrapartida por termos apoiado, porque era uma acusação grave, ele podia perder muitos votos com o pessoal o apoiando ele manteve os votos que ele tinha e foi eleito pela segunda vez. E aí nós conversando com ele, demos a ideia para ele de criar a lei de cotas e aí ele ficou meio assim tal, não sei, e tal.... E aí os jurídicos conversando, acertando com ele, criou a lei de cotas, nós descobrimos depois, ele foi homenageado pela Faculdade Zumbi dos Palmares pela AFRObras, foi recebido pelo presidente da República, era o Fernando Henrique, e nós descobrimos depois então, que lei especificamente dita para a inclusão do negro no serviço público a nossa lei era a primeira lei, a primeira lei brasileira de cotas para afrodescendentes no serviço público, e depois de nós veio, veio o Estado mais ou menos, a nossa foi 2002, o Estado foi 2010 e em 2013 veio a União né? E o Estado e a União vieram.. fizeram criar uma lei deles com base no nosso texto, nosso texto foi levado pelo presidente da AFRObras e depois reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, Dr. José Vicente (..) que é um dos tutores da Lei de Cotas aqui, e eu sou tutor da Faculdade Zumbi dos Palmares, por conta da lei de cotas a gente conseguiu dar um reforço pra ele para criar a faculdade e aí depois disso ele levou esse texto, então sendo convidado, levou esse texto, tanto pro Estado quanto para a União e eles, baseados no nosso texto, criaram uma lei de cotas nessa época ai né? Então a nossa de 2002, do Estado 2010, acho, e da União 2013, a União praticamente dez anos depois de nós.

Ana Caroline: É... Queria que você me contasse também como foi a sua ascensão no clube, (...) como você decidiu né, tomar a frente das lutas no clube e ajudar ele, e como você chegou a ser vice-presidente agora com a Dona Edna.

Reis: Na verdade, assim, por conta de um histórico do trabalho que a gente faz e eu acabei, naquela época, como eu via que existia, que existia alguma resistência das pessoas que dirigiam o clube para que eu pudesse fazer um trabalho, para que eu pudesse (...) e aí volto naquela ideia bom, ele não é daqui, ele não é família daqui, por que vai usar o nome do clube? Na verdade, era o inverso, eu ia usar o meu nome para ajudar o clube, mas eles não entenderam dessa forma, é até justificável porque um clube com quase 100 anos tem muito mais visibilidade que eu, né? E eu tinha credibilidade tanto política quanto dos empresários do município, né? Então, o que eu fiz? Eu criei o Grupo Zama, O Grupo Zama fez 25 anos agora, eu criei o Grupo Zama pra fazer essas ações, então o que que era? O Grupo Zama fazia as ações e trazia para dentro do clube. E com isso você vai adquirindo conhecimento, vai adquirindo respeito e tal, e quem me colocou de vice presidente do clube, na verdade, foram os conselheiros, nós tínhamos aqui uma reunião com quatro conselheiros para resolver um problema do clube, que eu acabei sendo chamado, sendo indicado pelo poder, porque eu não trabalhava na prefeitura, mas eu tinha um acordo com eles que a partir de 2016, após a eleição do prefeito, se fosse o prefeito que a gente apoiava, ele daria essa possibilidade de ajudar o clube dessa forma jurídica-administrativa. E tinha uma ação aqui do clube que precisava dessa orientação e eu apareci nessa orientação e diante de algumas coisas que foram colocadas tanto para Dona Edna, quanto para os diretores, os conselheiros, algumas coisas foram colocadas para eles e eu tomei a frente falando, até assim, olha, dando algumas ideias (...) posso levar isso para o prefeito dessa forma, vamos resolver assim, assim, assim. E na saída dessa reunião, esses conselheiros que eram o Sabiá, a gente chama de Sabiá, Sabiá, Seu Medeiros, Seu Barros, o Pina, o Pina já faleceu, eu me lembro que tinha mais um que eu não estou lembrando o nome agora. Eles chegaram assim para a Dona Edna “Dona Edna, o Reis tem um potencial muito grande para ajudar a senhora. Então vamos fazer o seguinte? A sua próxima ata que a senhora for fazer, como a senhora está sem vice-presidente, coloca ele de vice-presidente” e aí eu passei a ser o vice presidente dela, fui vice presidente dela de 2018 até 2020, e aí 2020, como não houve a... com a questão da pandemia não houve juízo desta ata, então eu estou assim, (...) vamos dizer assim, moralmente eu sou um grande colaborador, não sou o vice-presidente, porque não existe o registro da minha vice-presidencia partir dessa data, a partir de então, mas se for valer só a ata de 2018, podemos considerar que eu sou vice presidente. Mas eu sempre sou um colaborador, Dona Edna tem qualquer problema ela me chama, eu venho e colaboro, Dona Edna precisa trazer alguém e que eu possa ajudar a trazer eu venho e colaboro, precisa de ajuda para indicação, alguma coisa, para uma conversa política com algum secretário, como nós teremos agora no dia 23 para discutir algumas coisas, então eu

sempre venho colaborar com aquilo que ela precisa e que me é permitido fazer. Não sou o cara que nem a Dona Edna, que tem o pessoal dela que cuida do bar, cuida da cozinha, cuida da faxina, não, o meu trabalho, ele é mais na área administrativa e jurídica, preciso de um advogado, tenho muito contato, olha doutor assim, assim, assim você pode me ajudar? Que hora que você quer que eu vá? ele vem aqui, me dá uma força, ajudo, ajudo a montar as coisas, então a minha colaboração é mais nessa área assim.

Ana Caroline: Agora é o tópico de histórias, e eu queria muito que você contasse memórias de como você vê... de histórias de pessoas que você lembra e que demonstram a influência do clube na vida delas, como você acabou de contar para a gente da menina que conseguiu a bolsa de medicina, então queria muito que você contasse essas histórias da influência do clube na vida da sociedade negra de Jundiaí, histórias de pessoas que viveram por aqui.

Reis: A influência do clube, nós podemos dizer que é muito grande, não só na comunidade negra, a influência do clube é muito grande também na sociedade branca, porque o clube é reconhecido em qualquer lugar que você for, as pessoas vão dizer para você, e não só em Jundiaí, no estado de São Paulo, principalmente agora que começou há algum tempo um estudo sobre os clubes negros do Brasil o Clube 28 de Setembro é o único que com toda essa luta, com todas essas demandas que tem, é o único que continua funcionando adequadamente, que não está com a sua diretoria totalmente formada, mas tem a Dona Edna que toma a frente e ela tem esses colaboradores, essas pessoas que vêm pra ajudar, pra auxiliar, mas é o único clube, como por exemplo, que está com as portas abertas, o único clube que, apesar de ter alguns documentos que nós estamos digitalizando agora para preservar e ter documento muito antigo que vai nos dar um grande trabalho para recuperar, mas ele tem a documentação, não é um clube, por exemplo, nós vamos fazer agora um encontro de Estudos Negros, acho que é de 22 de junho, esse encontro dos clubes negros vão vir os clubes e tem muitos clubes hoje que só tem o CNPJ, o Clube 28 de Setembro tem sede própria, tem espaço para fazer as ações dele, tem CNPJ, tem a documentação dele quase em ordem, a Dona Edna já pegou algumas documentações, algumas demandas financeiras e jurídicas muito grandes, que foi procurando os parceiros, procurando os colaboradores e esses colaboradores foram acertando essas nossas questões, então o Clube 28 de Setembro é o único que se mantém de pé. E a contribuição do clube ela é muito grande por que muitas ações da comunidade negra aconteceram aqui, Frente Negra Brasileira, por exemplo, que era uma frente partidária que elegeu Teodosina Ribeiro, foi a primeira mulher negra a ser vereadora, depois deputada e depois foi (...) vice presidente da Câmara, vice-presidente da comissão, enfim, que faleceu há dois anos atrás, com 97 anos, entendeu? As reuniões eram aqui no clube, então saiu daqui, teve muito apoio. O Clube 28 de Setembro ele tem uma força muito grande para apoio político, quem for, por exemplo, um candidato que tiver o apoio do Clube 28 de Setembro, digo (...) “presidente do clube apoia a

candidatura de fulano” entendeu? vai ter uma grande projeção na comunidade negra, e o clube tem essa coisa realmente de colocar as pessoas muito no mercado de trabalho ajudou muito e nós tivemos aí a partir do lançamento da lei de cotas, nós tivemos algumas demandas com o prefeito porque, o que se dizia quando criamos a lei de cotas? O negro não é preparado para tal função. Então, o que nós fizemos? Nós vamos então preparar o negro (...) por que não é preparado? porque falta oportunidade, por que falta oportunidade? Porque a faculdade é cara, nossa faculdade é cara então o que nós podemos fazer para fazer isso? Olha, Miguel (prefeito na época) você tem aqui a faculdade de medicina, que é uma autarquia, então vamos estipular uma bolsa, uma bolsa por ano, que seja, uma bolsa por ano. Não deu uma bolsa por ano, era um projeto para seis anos, parou no primeiro ano, mas nós tivemos a Dr. Karen, que assim ela veio dar aula no cursinho pré vestibular que a gente tinha, que era uma parceria com a AFRObrasl e o MEC, e eu sempre tive esse avanço com as pessoas, então, assim como eu tinha lá dez professores voluntários e 104 alunos, eu decidi que um dia por vez eu conversaria com três ou quatro, mas até o final do curso conversaria com todos e fui conversando e cheguei para a Dr. Karen e falei assim “Doutora” não era doutora na época “Karen qual que a sua ambição? O que que você pretende da sua vida? o que que você quer galgar em termos de ensino superior?” E ela me disse “olha, eu comecei a faculdade de medicina duas vezes na São Francisco, e tranquei porque não consegui pagar e se eu não for médica, eu vou ser balconista de loja. Então para não ser balconista de loja, que eu já trabalhei de balconista de loja, eu vou fazer farmácia e vou ser farmacêutica, vou trabalhar numa farmácia”. E aí nós conversamos com o Miguel falando para ele da bolsa e aí ela no primeiro ano, ela passou acho que 151º lugar, não conseguiu a bolsa. No segundo ano, ela passou 41º, então quer dizer, chama 40, depois mais 40 e assim vai indo. Na segunda chamada ela foi chamada para fazer a bolsa, pra fazer a faculdade e ela estava fazendo farmácia e a Dr. Karen resolveu fazer farmácia e medicina junto e fez as duas faculdades, se formou em uma em 2007 e na outra em 2008, então quer dizer que você vê que é uma pessoa que estava realmente muito afim, hoje ela trabalha no município, ela é uma das diretoras da Unimed, da Pediatria da Unimed, e a Dr. Karen tem uma coisa muito, muito interessante que eu penso assim, às vezes você tem que descobrir talentos diamantes, Dr. Karen quando entrou na faculdade de medicina, ela nos disse assim “eu tenho que dar um retorno da para a comunidade negra por conta disso e não sei (como)” e foi indo, foi indo, foi indo, conversando, conversando e participa de uma palestra com um médico e outro, e ela teve a ideia de fazer um levantamento de mortalidade de nascituro com recorte social e racial, e implantou isso na faculdade, primeira vez sozinha, reunida com vários médicos, os médicos ah não sei quê e tal, tal, tal, e vai indo isso não existe foi indo e foi ganhando conceito. Para você ter ideia, a bolsa dela era uma coisa assim tão, tão estranha, que a cada dois, três meses a gente era chamado na faculdade para conversar, para defender a bolsa dela, porque queriam receber os meses que ela estava atrasada, que ela não tinha pago, e aí você ia lá conversar. Só que esse projeto dela, cresceu aos olhos de dois

pediatras da faculdade, que eram professores, e aí eles falaram assim “poxa, isso aqui é uma coisa interessante de se estudar” e foi indo, foi indo, na quarta vez que nós fomos na faculdade, fomos chamados na faculdade de novo defender a bolsa da Dr. Karen, aí chegamos lá e dava briga política, se não fizer vou falar para a imprensa tal aquela coisa toda, então os caras murcharam e daqui a pouco vinha de novo. E aí, quando nós fomos chamado pela quarta vez, fomos chamados por quatro médicos que eram pediatras, que dava aula na faculdade, eles falaram assim “chamamos vocês aqui pelo seguinte, o projeto da Karen muito nos interessa, nos estamos ajudando a elaborar essa ideia e viemos dizer para vocês o seguinte, a partir de hoje vocês não precisam mais brigar com ninguém por causa da bolsa dela, porque nós negociamos e fizemos as contas, negociamos a bolsa dela para pagar em 15 anos e a Associação dos Pediatras no Brasil vai pagar a bolsa dela”. Além disso, ela foi chamada para participar do Congresso Internacional de Pediatria, que foi Memorial da América Latina, que era só para médicos e ela foi a primeira aluna a ser chamada para apresentar o projeto dela. Ela apresentou o projeto dela e ela estava ali e tal, com a pastinha, com vários projetos na mão, traduzidos para o inglês e ela foi apresentando, apresentando, apresentando “ah olha aqui é um médico não sei da onde” ela ia e apresentava, quatro dias depois ela recebeu uma proposta para ir a Holanda terminar a faculdade e implantar o projeto lá, ela falou que não ia, que tinha família, tal e tudo mais, mas mandou o projeto para eles implantar lá. Quando foi no outro ano que era a associação daqui do Brasil que fazia, porque aqui os holandeses que estavam fazendo e organizando então foi no outro ano, no Memorial da América Latina, a Dr. Karen foi convidada para todas as palestras teve, foram dez dias de palestra e todos os dias ela tinha meia hora para expor o projeto dela em telão para mais de 800 médicos do mundo inteiro. E quando se formou, ela foi nos representar em Bogotá, então ela é um diamante que estava ali, que precisava de brilho e nós demos esse brilho a ela. Além disso, nós tivemos também na questão da educação, a ESEF que é a Escola Superior de Educação Física, que também é autarquia do município. Na ESEF nós instituímos a princípio três bolsas de 100%, que eram duas noturnas e duas no período da tarde, aí depois lançaram mais um período da faculdade, aí ficaram quatro bolsas de 100%. Com quatro anos, nós reavaliamos a questão da bolsa de 100% e resolvemos transformar a bolsa em bolsas de 50%, porque o aluno entra pagando 50%, primeiro que ele está pagando pouco, ele valoriza mais. Nós tivemos problemas ali com dois, três alunos nesse período de quatro anos, que ah tô ganhando bolsa mesmo e acaba perdendo a bolsa, você não tira notas, você não estuda. Então, com 50%, o aluno acaba reavaliando, só que 50% é seis meses, quer dizer, no período de seis meses o que que acontece? O aluno tem estagio remunerado, então além de ele ser remunerado pelo estágio que ele tá, ele já consegue pagar os 50% da bolsa. Hoje, calculando pelo tempo a gente deve ter em torno de 120 a 130 alunos formados pela ESEF com bolsa de 100% ou 50% por ato normativo que nós criamos com o apoio do 28 de Setembro, da AFRObras, do Grupo

Zama aqui em Jundiáí após a lei de cotas. Então quer dizer, o Clube 28 de Setembro serve de alicerce para que a gente consiga galgar todos esses caminhos e fazer as coisas acontecer.

Ana Caroline: E eu queria saber das dificuldades que o clube passa no que diz respeito a falta de visibilidade e até mesmo falta de noção de algumas pessoas ainda da importância dessa magnitude que o clube tem

Reis: A falta de visibilidade é (...) a partir do momento que você começa a perder um pouquinho a credibilidade. Então, assim o clube passou por um momento muito ruim, que foi um momento aqui que deixou marcas, muito ruins no clube, então você perde um pouco essa credibilidade, perdendo credibilidade, você vai ficando meio invisível. A outra parte da invisibilidade do clube (...) é não ter o aporte para você divulgar as ações do clube, por exemplo, o clube, ele é divulgado na rede social, mas você teria que ter aqui, por exemplo, uma secretária para cuidar disso, o clube é divulgado na imprensa você teria que ter aqui alguém que mandasse essas coisas para o jornal. Hoje não tem, por quê? porque não tem verba, porque tinha (...) algumas verbas carimbadas do município, né, que chamava-se subvenção e até isso por conta de toda essa questão, vamos dizer assim, desse momento em que perdeu sua credibilidade, também perdeu as subvenções. Então, o clube tem muita dificuldade de se manter pagando mais de três mil reais por mês de água, mais de tres mil reais por mês de luz e além de um monte de demanda, demanda trabalhista, demanda jurídica e de fornecedores de coisas antigas que o clube vem pagando e vem honrando isso, dívida ativa, por exemplo, o que que é dívida ativa? imposto da prefeitura, verba que pegou da prefeitura e não conseguiu prestar conta, Dona Edna pegou o clube em 2016 exatamente com todas essas demandas e a gente vem negociando essas demandas, vai no Estado, negocia uma coisa, vai na Receita Federal negocia outra, vai na Receita da Fazenda e negocia outra, vai na Prefeitura e negocia outra, e vem vindo. Até 2020 estava até caminhando bem que ela conseguia negociar as dívidas e conseguia os parceiros para ir pagando. A partir do momento da pandemia, deu uma parada nisso e nós vamos voltar a negociar isso agora. Com isso, o clube volta agora a ter um pouco mais de visibilidade, Dona Edna aonde ela chega todo mundo sabe que ela é a Dona Edna e que ela é presidente do Clube 28 de Setembro, Dona Edna chega e as vezes as pessoas, não fala Dona Edna fala assim “Clube 28 de Setembro está presente”. Então ganhou de novo essa, essa visibilidade. Mas dificuldades tem muitas, como muitos clubes tiveram e muitos fecharam, né? Não só os nossos, se você for analisar aqui em Jundiáí nos tínhamos a Desportiva que hoje tem uma sede de campo, mais ou menos, que (?) o pessoal vai lá de vez em quando fazer churrasco, nós tínhamos a Jovem Banda que já fechou faz tempo, temos outros clubes aqui né, Anhangabaú e Veteranos que está passando pelas mesmas dificuldades que O Clube 28 de Setembro, talvez até pior. A única coisa que mantém ainda esses clubes é que eles têm sede própria. Clube São João fechou praticamente a metade, era tudo muito grande um clube bastante italiano, que fechou e que está ali com salão

de festas deles também sendo alugado para quem quiser alugar lá, eles permitem fazer alguma coisa, então vai se perdendo e o clube tem essas demandas mas vem caminhando. E agora, a partir de uns dois anos para cá, vem de novo essa visibilidade, inclusive visibilidade internacional (...) tivemos aqui a visita de um rei nigeriano, agora em março do ano passado e que estaria aqui com a gente de novo, tava pra chegar ontem... hoje né? de viagem, mas infelizmente ele veio a óbito na sexta feira e nós estamos aqui todo consternado, meio parado, porque tinham algumas ações para fazer e não vamos conseguir fazer porque inclusive essas ações contavam com a presença dele. Mas está ganhando essa visibilidade, retomando essa visibilidade aos poucos, porque? Porque a Dona Edna, com toda a simplicidade dela, as pessoas chegam aqui vê a Dona Edna limpando uma mesa, limpando o salão, fala assim “ah quero falar com a presidente” po mas a presidente fazendo isso, né? A simplicidade dela com tudo isso, ela retomou a credibilidade daqui, contando com a nossa ajuda, com o nosso apoio, mas o crédito disso é todo dela, se ela não tiver a frente, as coisas não acontecem, até porque (...) ela é uma presidente-administradora e você precisa passar por ela, é uma questão de respeito, de honra, mas ela sempre vai ter de fazer as coisas porque o clube está retomando essa credibilidade dela. Qual que é a dificuldade do clube hoje? a dificuldade hoje é a dificuldade financeira, dificuldade financeira para você fazer... melhorar o telhado, para melhorar o piso, para você manter a estrutura, mas para pagar as contas ela vai fazendo as festas, alugando o clube de algumas formas, para você ter ideia, você vê que o nosso salão está com piso ruim, tal e tudo mais, mas o pessoal gosta daqui, o pessoal vem e aluga para fazer festa, fazer casamento, fazer essas coisas, então isso vai dando retorno para pagar as contas. Mas o clube está recuperando essa credibilidade e estamos acreditando que até o final desse ano a gente consegue sair de toda essa dificuldade que tem. Mas a dificuldade que eu falo para você a partir do momento que você tiver contas pagas e tiver condições de contratar alguém para estar aqui em 2018, nós tínhamos uma menina que fazia toda a parte administrativa, preenchia os formulários, atendia o telefone, cuidava do computador, entendeu? Fazia a mídia então você tinha essa visibilidade? Você tinha quem fazia. Hoje não tem, hoje pra vir vem eu de vez em quando, quando tenho tempo de fazer alguma coisa, vem a Priscilla né? Que é a Pri sorria, A Pri Sorria, para dizer quem que é, A Pri sorria foi a primeira bolsista da ESEF, a primeira menina a fazer ESEF, faculdade de Educação Física, e hoje ela é conhecida em Jundiai inteiro porque ela dá aula de zumba para mulheres (...) que moram na periferia em situação de vulnerabilidade, além de aula de zumba, logicamente lá ali que acaba rolando (...) uma consulta psicológica, uma coisa nesse sentido assim. Então ela tem feito esse trabalho e a Pri Sorria também é uma grande parceira da Dona Edna então, hoje mesmo de manhã, ela esteve aqui, fazendo alguma coisa, sexta feira que ela está livre, ela vai vir então vai colocando as coisas em dia. Mas a dificuldade grande seria essa dificuldade financeira e essa dificuldade financeira acaba contribuindo com essa invisibilidade, porque você faz as

coisas, mas você não tem como divulgar, então hoje com rede social, principalmente, você tem que ter alguém que tenha um tempo e que tenha a tarimba para fazer isso.

Ana Caroline: E pra finalizar, eu queria saber, como você falou né, o Clube tem uma história muito, muito, muito familiar, né? Eu imaginava, tinha até colocado aqui umas questões sobre saber se seus familiares frequentavam o clube a tempos, mas você contou, né? que voce veio de Minas. E eu queria saber se os jovens, negros e/ou jovens de Jundiaí eles têm interesse em vir ver o que rola do clube e o que o clube faz pra chamar a atenção dos jovens, porque eu lembro, eu não me lembro em que ano que foi, que teve o show da Tasha&Tracie aqui, que eu queria ter vindo e também sobre a recente conferência que a Dona Edna teve com outros clubes Negros que todos eles tem né, pessoas jovens e pessoas que estão também muito a frente da luta. Queria saber o que o clube faz pra poder abraçar também as pessoas mais novas e essa nova geração de Jundiaí que vem por aí.

Reis: Então, na verdade a juventude precisa de incentivo, pra ter incentivo você precisa fazer ações que o traga, por exemplo, encontro de rap, hip-hop (...) as baladinhas, na minha época tinha muitos bailes, e tinha os bailes todos os domingos, você tinha isso aqui lotado. A juventude hoje ela está mais focada em celular e outras coisas mais (...) da mídia social, essas coisas, mas por exemplo, se você tem condições de trazer alguma atividade pra trazer o jovem, o jovem vem, e é exatamente por conta (...), vamos dizer assim, desse problema financeiro que o clube passa, dessa dificuldade financeira, que o clube não consegue trazer, porque você não tem uma oferta de atividade pra você trazer o jovem então a gente faz uma coisa ou outra, nós temos o samba, mas o samba ele já está ali, a gente vê alguns jovens, mas já está ali pra quem tá de 28 a 30 anos pra frente, que é um pessoal que vem bastante, tem o samba todo sábado, que é um projeto inclusive que era daqui do Clube 28 de setembro, que um grupo de samba começou a fazer com a Dona Edna, eles vem, eles montam, eles fazem o samba, eles convidam os amigos dele e todo o valor que é arrecadado fica pro Clube, inclusive o que eles consomem eles pagam para o clube e com isso eles ganharam visibilidade e ganharam o projeto Proac, hoje eles tem verba pra trazer até outras pessoas pra vir. Mas a dificuldade hoje primeiro é que pra trazer a juventude a gente precisa re-estruturar melhor o clube, principalmente fisicamente, porque nós temos, por exemplo, problema na época de chuva que chove, em alguns lugares chove, nós temos o assoalho aqui que vai precisar ser trocado, enfim, algumas coisas você tem que fazer e ter a disponibilidade de fazer exatamente isso o que você falou, de trazer atrações para que os jovens venham né? Na minha época tinha uma coisa assim, que era meio que você tinha, não eu né? Eu não era daqui, mas os jovens tinham obrigação de dar continuidade, né? Então passava de pai pra filho, esses filhos hoje estão com a minha idade ou com menos, 55, 60, 64 ano tão com a minha idade, esses filhos não deram para seus filhos a mesma responsabilidade e/ou incentivo pra que eles continuassem vindo, entendeu? Então foi, posso dizer aí que até 90, 2000,

2000 e pouquinho, foi passado essa tradição (...) os jovens que eram daqui, não eu, que cheguei aqui já com 15, 16 anos e nem era, nem frequentava, morava na roça e tal, mas esses jovens eram trazidos pela mão pelas suas mães, seus pais, pra participar das atividades aqui, então você começa a vir nos almoços você começa a vir nas brincadeiras de criança, nas marchinhas de carnaval você vai criando aquele vínculo, você vai vindo. O que que eu acho que aconteceu pra mim nessa coisa, que eu vi realmente acontecer, esses jovens, que naquela época tinham a minha idade, seus filhos foram nascendo e eles não foram dando a eles a mesma responsabilidade de vir, de participar. Nós tivemos aqui uma ação bastante interessante, de 2012 até 2015, 2016, que foi uma ação do Proac que o clube ganhou uma, depois de acertar documentação, o clube ganhou uma verba do Proac pra fazer um Ponto de Cultura, esse ponto de cultura trouxe bastante jovem, por quê? Porque tinha dança, tinha capoeira, tinha hip-hop, tinha roda de conversa, tinha as coisas que eles gostavam, tinha, tinha aula de computação e tal, infelizmente, esse projeto foi um dos projetos que deixou o clube com uma dívida muito grande e aí parou o projeto e esses jovens também já foram, esses jovens que eu estou falando, hoje eles já estão com 30, 30 e poucos anos e alguns deles ou estão com bebê pequeno ou nem tem filhos, então quer dizer, foi perdendo essa tradição se aqueles jovens do Proac, tivessem dado continuidade tendo essa oportunidade, porque eu acho que deveria dar continuidade no projeto, com certeza nós teríamos um grande número de juventude aqui, mas pra eles, o clube não oferece exatamente perspectiva né? E é isso que precisamos resgatar, ter condições financeiras pra trazer atividades, pra trazer a atividades talvez você não precise só da condição financeira, você precisa ter a credibilidade pra chegar para a cultura, por exemplo, e falar assim “olha, eu quero trazer” vamos falar em alguém bastante famoso do meio da juventude, “eu quero trazer fulano de tal aqui” então, naquela época a gente ia na cultura conversava na cultura, Hoje é um pouco mais burocrático, a cultura fala “tá quanto que vai custar?”, Faz o orçamento para a cultura pagar o artista, o artista vinha se apresentava aqui e o clube desfrutava da parte de venda de bar essas coisas assim, hoje isso não tem mais. Então você trazer um artista aqui é uma dificuldade muito grande, porque até o poder público deu uma retida nessa verba de cultura, né?vai mudando o governo, vai mudando... Nós tínhamos um governo aí um pouco mais, mas aberto a essa questão até 2012, aí depois vem mudando os governos que não tem essa visão, e que já entra com, por exemplo, já entra com o clube com problema de dívida ativa com o poder público e você vai, quando você deve poder público, por exemplo, um IPTU, (...) e aquilo não foi pago, já faz três, quatro anos que foi quando a Dona Edna pegou aqui com três, quatro, cinco anos de dívida com o governo, quando o governo move uma ação, o governo juridicamente ele não pode te ajudar, porque você não está com o seu nome limpo, você precisa ter o nome limpo, a partir daí a gente começa a fazer ação com a juventude. Teve a questão do Proac, nós tivemos aqui encontro de como é que fala aquele pessoal que faz desenho.

Ana Caroline: Grafite?

Reis: Não, não é grafite é um outro que você se veste de personagem, como é que se chama? Coss.. crossfit? alguma coisa assim.

Giovanna: Cosplay?

Reis: Cosplay! Nós tivemos aqui uma ação de cosplay também, foi já no mandato da Dona Edna, então essas possibilidades tem que fazer, entendeu? Dona Edna geralmente cede o salão ou o salão por um preço menor e geralmente desfruta do que você vai arrecadar no bar. É esse tipo de coisa que a gente está pensando agora, que a gente vai retomar agora, com essa reunião com os clubes negros que vai ter aqui no dia 21, 22, que vai ter as ações dos clubes aqui para discutir, depois disso, vai ter algumas ações e trazer realmente essas coisas que se chama a juventude né? O que a juventude quer é isso, música do momento e ações assim que traga eles pra dentro do clube, para que conheça. O que nós temos feito ultimamente? Como fizemos lá em 2018 19, paramos e vamos voltar a fazer, é trazer, por exemplo, alunos pra cá. 2018 nós trouxemos que nem eu falei, a escola Gandra, o Siqueira de Moraes, o Siqueira de Moraes teve uma quinta feira de manhã que os alunos saíram de lá da escola, escoltados pela Guarda Municipal, pelos agentes de trânsito e vieram de lá da escola até aqui a pé, 400 alunos, aí depois nós fizemos com o Gandra, o Gandra também desceu a pé, depois fizemos com o Bispo e o Conde junto, uma escola que é um pouquinho menor, mas tivemos aqui três ou quatro dias numa semana, com participação de 100, cento e poucos alunos, e esses alunos vieram conhecer a história do clube. Então, esse tipo de ação tem que ter de novo para que você consiga trazer a juventude.

Ana Caroline: Tá certo, Você quer acrescentar mais alguma coisa na entrevista? Colocar mais alguma história?

Reis: Não, se ta bom para vocês ta ótimo para mim! (risos)

Ana Caroline: Tá certo! Muito obrigada, viu Reis?

Reis: A única coisa que eu acrescentaria para vocês é isso aí, essa parte vocês colocam se quiser, vocês vão editar né?

Ana Caroline: Sim sim!

Reis: E aí vocês colocam se quiser. É que nós temos esse rei africano que é o rei Alayemoré, o rei Alayemoré ele esteve, a Edna na verdade tem uma moça em São Paulo que é uma, que é entre aspas, uma rainha lá da África, ela é aqui do Brasil, mas ela foi, foi reconhecida lá pelos reis lá e pelos (...) babalorixá, obás como rainha do povo ancestral, e ela tem uma ligação muito grande a esse rei africano que vinha para cá, o Alayemoré, ele vinha pra cá em março, veio

correndo, esteve por aqui e tal, falou “não, em Jundiai é onde eu quero colocar as minhas ações”, né? Ele é um rei, era, que os nossos ancestrais o tenha, ele é um rei com um diferencial qual que é o diferencial dele? Na África, na Nigéria os reis casam quantas vezes quiser eles casam.. para você em 2010 eu recebi um aqui que tinha casado pela trigésima segunda vez, né? E existe um porquê desse casamento, por exemplo, a filha completou 14 anos o pai oferece a filha para o rei, se o rei aceita aquele casamento, o rei casa com aquela menina e assume a família toda até a terceira geração, alimentação, moradia, saúde, educação e aí faz intercâmbio para outros países, manda para estudar em uma universidade lá eles tem tudo isso, o Alayemoré é o unico que teve duas esposas, porque ele tem duas esposas? porque ele é contra o casamento infantil, contra a violência contra a mulher, contra a violação genital tanto das meninas quanto dos meninos, nao sei se voces sabem que existe isso na África, mas vocês podem assistir um filme, anota ai o nome do filme “Flor do Deserto”, e aí você vai ver realmente como que é essa questão, Flor do Deserto conta bem, essa coisa, inclusive é a história de uma modelo que acabou passando por tudo isso e virou uma modelo internacional da revista Vogue e ela virou embaixadora da ONU por conta dessa questão então tem esse filme. E o Alayemoré é contra tudo isso e por que que ele é contra tudo isso? Ele é o 46° Alayemoré, só que quando chega numa idade, como tem certeza que ele vai ser o rei, e a certeza não é assim ele é o primeiro filho, não, ele é o terceiro, quarto, quinto filho, não sei qual que é, mas é mais ou menos assim, mas não é um reinado patriarcal o patriarcal é eu sou o rei, meu primeiro filho vai ser o rei, morreu, vai ser o outro e assim por diante, todos são príncipes. O reinado deles a pessoa nasce para ser o rei, a criança nasce e eles fazem todo um ritual e olha, fala “esse vai ser o rei” “olha esse não vai ser”, não vai ser, vai trabalhar, e tal, e o Alayemoré foi escolhido e com uma certa idade ele pode escolher o que ele queria fazer, a idade de maioridade, 18 anos, então ele escolheu, “olha tudo aqui, eu já sei como que é já tenho conhecimento, só que eu quero fazer faculdade” e ele foi estudar em Harvard, ele se formou em Engenharia, Arquitetura, Advocacia e em Advocacia a defesa dele foi Direitos Humanos e voltou para a África com essa ideia, você imagina quantos inimigos ele arrumou, né? E aí... só que ele foi colocando essa ideia por alguns lugares que ele ia e foi colocando, colocando a ONU olhou e “opa pera ai tem alguma coisa diferente aqui” trouxe ele para ONU, criou um grupo chamado (não consegui entender) como se fosse um conselho e colocou ele como convocador especial desse grupo e nesse grupo, ele conseguiu juntar reis e rainhas africanos que pensavam igual a ele pra fazer essa luta nesse mundo. E ele veio pra cá pro Brasil porque ele precisava de lá porque ele precisava intitular essa moça, realmente uma rainha representante aqui, né? Em março, e estava com passagem comprada já com tudo pronto pra vir pra cá, inclusive viajaria de lá no domingo ou ontem e chegaria ontem, ou viajaria ontem e chegava hoje, e Infelizmente nós o perdemos, é isso.

Ana Caroline: Muito obrigada, pela história.

Reis: Eu que agradeço!

Ana Caroline: Obrigada pela entrevista também.

Reis: Espero ter contribuído com vocês...

Ana Caroline: Muito! (risos)

Reis: E precisar de mais alguma informação é só mandar, tá bom?

Ana Caroline: Tá certo.